



**Sociabilidade comunitária:
A dinâmica do ‘agir urbano’ nas ruas da favela da Mangueira, RJ.¹**

Heloiza Beatriz Cruz dos REIS²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

As favelas assumem diferentes significados diante da cidade. Nesse sentido, na dinâmica do ‘agir urbano’, a ‘rua’ comprova ser uma categoria comunicacional fundamental nesse conjunto da *urbe*. Sendo assim, este aspecto da comunicação e cidade adquire um significado pleno de sentidos e elementos simbólicos considerando as relações interpessoais estabelecidas nas ‘ruas’ da favela da Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro. Será possível ainda pensarmos idealmente a cidade moderna com separações rígidas entre centro e periferia? Propomos pensar essa questão a partir do campo da cultura e considerar que as favelas estão consolidadas em nossos mapas simbólicos e materiais nas elaborações das cidades, e assim afirmamos que a noção de “sociabilidade comunitária” deve ser ressignificada em nosso estudo.

Palavras-chave: Cidade; Sociabilidade; Agir urbano; Favela; Rua.

A pluralidade imaginária da cidade

Sons, cores, tons, cheiros, imagens, palavras, personagens, dramas e cenas. Diferentes experiências e alucinantes sensações provocadas pela emergência do novo modo de produção inaugurado pela técnica e pela mecânica da primeira Revolução Industrial, e desenvolvida pela segunda Revolução Industrial: a Eletroeletrônica. A cidade é o suporte daquela explosão sensível, mas sua realidade de adensamento populacional, produção, reprodução e consumo de bens faz dela uma mídia que é sempre renovada ou renascida ainda que utilize, para isso, distintos apêndices ou suportes, tecnológicos ou não.

Ler a cidade como texto da cultura é um imperativo social e científico, já que os ambientes estão cada vez mais técnicos e as ações se deixam modelar mecânica e eletronicamente. Ações e objetos que se reproduzem e se multiplicam criando um complexo de variáveis ditadas pela globalização e pela mundialização, que atingem as cidades para designar o ‘mega-mundo’ feito de espaços dentro de espaços, sentidos dentro de sentidos, cidades dentro de cidades. Neologismos que transformam as cidades

¹ Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Heloiza Reis é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ e graduada em Arquitetura e Urbanismo (1996) e Comunicação Social (2001) pela UGF. Atualmente é professora substituta da faculdade de Comunicação Social da UERJ e integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade do CNPq/PPGC/FCS/UERJ. E-mail: heloizareis@uol.com.br.



em metrópoles mediadas e produzidas pela relação de múltiplas características econômicas e sociais que se expandem em uma complexa Torre de Babel³. (FERRARA, 2005)

Nessa metáfora concentra-se a absoluta necessidade de representar e dar forma estável ao circuito de imagens e, sobretudo, à pluralidade imaginária que decorre da cidade atual que, na sua inexorável e rápida mudança, não se deixa apanhar mas apenas, imaginar. Para Milton Santos (2001), a metáfora representa a cidade atual, mais imaginada, do que vivida, “o único lugar de onde se pode contemplar o mundo com a esperança de produzir um futuro”.

Correlações sistêmicas de objetos, tecnologias e ações cotidianas constituem eixos do espaço geográfico que Milton Santos estuda como a dinâmica dos fixos e fluxos do espaço, termos entendidos como metáforas das novas estruturas tecnológicas e econômicas e das vertiginosas transformações sociais e culturais que atingem as cidades contemporâneas. Embora essa nomeação corresponda a um conceito já estudado (CASTELLS, 2000: 422), Milton Santos o completa e o utiliza com grande eficiência epistemológica para a análise e interpretação fenomênica da cidade. Flexibilizando o conceito e em clima de relação, convivência e reciprocidade, a dinâmica dos fluxos impregna os fixos redefinindo-os, modificando-os, renovando-os até criar os lugares da cidade. Os fixos assinalam um espaço que assim se faz porque se quer produzido, controlado e ordenado, enquanto os fluxos são dinâmicos e inúmeros. Nesse dinâmico contraste, o espaço da cidade, segundo Milton Santos (1996:203) é um “sistema técnico, científico, informacional de objetos e ações”.

A cidade e o urbano se tencionam no cotidiano e nessa dinâmica, Milton Santos nos permite inferir a emergência de outra categoria de análise que apresenta grande plasticidade: trata-se da ‘lugaridade’ que emerge entre interesses e trocas ou entre crenças e sentidos e permite perceber que, entre fixos e fluxos, mobiliza-se a corrente de informação que impregna objetos e ações e, em constante metamorfose, converte os fixos do mundo, produzido nos fluxos do mundo vivido. Entre fixos e fluxos, entre produção e sentidos, entre técnicas e ações, a ‘lugaridade’ apresenta-se como categoria epistemológica responsável pela possibilidade de ‘ver-a-cidade’ que, por sua vez, permite distinguir o local e o lugar: o primeiro atua como referência da paisagem, o

³ Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), torre construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.



segundo é o pólo cognitivo onde se podem apreender usos e sentidos e através dos quais é possível construir uma arqueologia da cidade e migrar da constatação sociológica para a dimensão comunicativa que assinala sua história.

Da cidade cosmopolita, que surge na segunda metade do século XVIII e se desenvolve durante o XIX, à metrópole e à megalópole dos nossos dias, temos uma longa história com distintas características semióticas e interativas, mas constantes tensões entre fixos e fluxos. Ou seja, é dessa tensão que invade a cidade que devemos perceber as características de interação que fazem da cidade o teatro de complexas relações. O trânsito entre fixos e fluxos percorre a história da cidade com diferentes densidades mas constantes presenças e, como hipótese, é possível afirmar que, da cidade cosmopolita à megalópole, não temos propriamente uma oposição, ao contrário, na megalópole, misturam-se as anteriores características e essa complexidade constrói as suas significações. A despeito da indispensável contextualização singular de cada cidade que nos levaria a flagrar, empiricamente, diferenças e particularidades, é possível afirmar, ainda enquanto hipótese, que aquela mistura constitui o núcleo de mediação da megalópole e vai muito além das características tecnológicas dos suportes que sustentam as mídias contemporâneas. Ou seja, propõe-se que mediação não decorre de um aparato tecnológico, mas se manifesta pela interação entre valores e ações que expandem o imaginário. Nesse sentido, as relações comunicativas nas cidades podem ser distintas, ressaltando-se nessa distinção as características semióticas das respectivas manifestações.

A cidade cosmopolita, a metrópole e a megalópole escrevem a história da cidade como comunicação e vinculam suas manifestações semióticas a distintos trânsitos entre fixos e fluxos. Sem considerar os usos habituais das palavras local e lugar consideradas como sinônimas ou dando margem a neologismos como “não lugar” (AUGÉ, 1994:71), ponderamos que, se a relação entre fixos e fluxos nos permite flagrar localizações referenciais e, sobretudo, os sentidos dos lugares da cidade, a ‘lugaridade’ como categoria epistemológica nos permitirá chegar àquele caráter interativo e encontrar a dimensão pragmática de distintos imaginários da cidade. Assim a cidade, como o “lugar do homem” (PESAVENTO, 2002, p.9) é objeto de múltiplas narrativas e olhares, que não se hierarquizam, mas se justapõem, compõem ou se contradizem sem, por isso, uns serem mais verdadeiros ou importantes que os outros. Acredita-se no compartilhamento sistêmico e integrado da comunicação e da informação – compreendida como significação em rede. É comum alimentar curiosidades e especulações acerca do



cotidiano dos que habitam a cidade, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades em suas ruas, becos e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço se fazem presentes. Uma mesma formação social pode abrigar como nos parece, por exemplo, a favela, diversidades e similaridades. Existem sistemas de significação que transcendem sua própria geografia física e outros que têm uma história de especificidade local. Este espaço teria um lado material (contexto social e meios de processamento) e outro ideal (processos e resultados simbólicos). Funcionaria como uma espécie de atmosfera essencial à vida, mesmo que existam diferenças de uso, efeitos e adaptação no grupo cultural envolvido.

Desse modo, mediação e ‘lugaridade’ se cruzam para permitir entender a cidade como “espaço técnico, científico, informacional” (SANTOS, 1994:51) responsável pela comunicação que caracteriza o cotidiano na cidade e o transforma em uma das maiores experiências da humanidade.

A ‘lugaridade’ da favela

As galerias, a multidão e o *flaneur* foram os ícones da cidade cosmopolita, e escreveram a sua história; o efeito *zapping* foi o alerta de que através do monitor não havia um receptor passivo e a sutileza comunicativa da televisão comercial tratou de reverter a sua programação, identificando o telespectador, tirando-o do anonimato e tornando-o, supostamente, o dono da situação, da sua vontade; a megalópole não escreve o fim da história, mas sugere a escritura de outros capítulos, cujos autores estão dispersos na realidade singular, mas viva em todos os cantos do mundo.

Andar pelas ruas de uma cidade como o Rio de Janeiro, pode parecer uma ação ordinária, sem intenções e surpresas, visão de um cotidiano de metrópole que vive em ritmo acelerado, indivíduos anônimos, vivência fragmentada dos papéis sociais que compõem o tecido urbano na modernidade (ARANTES, 2002). Esse próprio ato de caminhar pode ser motivo de estranhamento e admiração, afinal é a partir da observação que construímos as paisagens urbanas no seu ato de “habitar” a cidade, das formas de apropriação deste espaço por quem circula e frequenta as ruas, as calçadas, as esquinas, as praças, enfim os lugares públicos da metrópole. Segundo Michel de Certeau (1996), toda cidade é escrita pelos trajetos dos seus habitantes, cujas formas de vida deixam suas marcas nas ruas do centro urbano e assim conformam ou formatam este espaço a



partir de suas “práticas cotidianas” ou dos “usos do espaço público” que tais práticas engedram.

Há muitas décadas, as favelas são parte da cidade do Rio, inseridas nos processos de crescimento urbanísticos da modernidade. Sua presença foi interpretada de diferentes maneiras, de modo que, ao longo do tempo, elas assumiram diferentes significados diante de si e do conjunto da cidade planejada e construída em nome da ordem e do progresso. Nesse sentido, desenvolvem relações de caráter local e ‘microlocal’ com o ambiente urbano que as cerca, com o qual vivem, reiteradamente, situações de conflito e complementaridade. Será possível ainda pensarmos idealmente a cidade moderna com separações rígidas entre centro e periferia? Propomos pensar essa questão a partir do campo da cultura e considerar que as favelas estão consolidadas em nossos mapas simbólicos e materiais nas elaborações das cidades e assim afirmamos que a noção de “sociabilidade comunitária” deve ser ressignificada em nosso estudo.

Embora, como fenômeno, apareça no encontro de certos indicadores sociológicos – violência, pobreza, o subúrbio da cidade, samba, cultura popular, a favela não pode ser compreendida meramente através deles, sob pena de chegarmos a um retrato cristalizado e grosseiro. Uma multiplicidade se define, não pelos elementos que a compõem em extensão, nem pelas características que a compõem em compreensão, mas pelas linhas e dimensões que ela comporta em seus sentidos.

Na perspectiva de construção do nosso objeto de estudo sobre comunicação e cidade, este artigo pretende analisar a favela que delimita o espaço imaginário e condiciona a geração de sentidos nos ambientes urbanos (PESAVENTO, 2002). E, especificamente, nesse conjunto da *urbe* trataremos da localidade do Parque Candelária, uma das favelas do complexo da Mangueira, situada no subúrbio carioca. Para o desenvolvimento deste trabalho, a ‘rua’ comprova ser uma categoria comunicacional fundamental, conforme orienta DaMatta (1997), para a compreensão de como pensa, vive e faz a sociedade brasileira. Sendo assim, buscar-se-á compreender o aspecto da comunicação e da sociabilidade dentro do ‘microtempo’ da favela, considerando-se que as regras de sua temporalidade são formuladas a partir das relações interpessoais estabelecidas nos diferentes espaços da ‘rua’ por onde os moradores circulam. (SALGUEIRO, 2003).

É na dinâmica da sociabilidade que as ruas da favela adquirem um significado pleno de sentidos e elementos simbólicos construídos por seus moradores a partir da articulação de seus repertórios culturais à percepção do ambiente que fundamenta



possíveis fluxos modeladores de seu traçado urbano, inspirados pela comunicação e pelo imaginário do lugar. Tais práticas sociais, aparentemente cotidianos e banais, criam à consistência do lugar e formam uma cartografia (MAIA & KRAPP, 2005) com características próprias de experiências, idéias, crenças e opiniões. São nas ruas da Candelária que esses elementos criam formas de estetizar o espaço-tempo da favela numa ambiência – visual e sonora – "não-contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas..." pelos seus moradores. (MAGNANI, 1996, p. 45) e que podem estar contribuindo para ampliar e ancorar identidades; memórias e imaginários contidos nos referenciais e narrativas dos moradores que expressam no seu traçado urbano os laços emocionais da constituição, da pertença, da união, da crise e da re-significação da favela.

O ponto de partida para esta pesquisa empírica é a inspiração no método etnográfico, tipo de investigação com força interdisciplinar que, a partir do século XIX, se desenvolveu na tradição antropológica. No início do século XX, os cientistas Franz Boas e Malinowski caracterizaram a etnografia como método de investigação e como uma atividade de trabalho de campo que conhecemos hoje.

No campo da comunicação tem havido bastante interesse neste tipo de investigação, principalmente em trabalhos que tomam por objeto a problemática urbana. Neste aspecto, por suas características de contato direto com a experiência de campo, a etnografia apresenta-se como uma opção ideal para nosso trabalho, por apoiar-se antes de tudo, no contato com as pessoas numa situação privilegiada de observação e participação, e em que o relato desses encontros ocupa lugar central. Os documentários e textos jornalísticos que, em outros contextos, estão também às voltas com depoimentos e conversas numa situação complexa, confirmam a proximidade da etnografia com a comunicação social. Inspirados na pesquisa etnográfica podemos citar os trabalhos em comunicação de Janice Caiafa, *Jornadas urbanas* (2002) e *Aventura nas cidades* (2007). Seguindo a tendência de pesquisa em comunicação, acreditamos ser esta a metodologia mais adequada para responder às questões apresentadas.

Rua: A dimensão coletiva da favela

A surpresa na descoberta da Candelária é a diversidade e a heterogeneidade nas formas de viver da favela, formas que contrapõem ou se completam nas práticas cotidianas de sociabilidade de seus moradores, numa dinâmica original. De fora da



favela ou “do olho da rua” da avenida que liga o centro do Rio aos bairros de Benfica e São Cristóvão, impressiona a fragilidade da sustentação das várias casinhas que juntas, muito juntas umas das outras conformam a sua paisagem. Nesse contexto é inegável a presença avassaladora de imagens representados pelos símbolos e signos, em aparente desorganização, gerando enorme impacto e conseqüente, “poluição visual”, pois devem ser apreendidos de maneira muito rápida, simultâneo e instantâneo. A favela contemporânea é um palco em que o olhar não se contempla só em detalhes e a informação passa a ter cor e textura no emaranhado de suas casas que se amontoam pela encosta do morro.

A proximidade entre casa e rua causa certa cumplicidade e intimidade. A casa é a rua. A rua é a casa. (DAMATTA, 1997) Tudo faz parte de um mesmo espaço, os limites não determinam onde termina a casa e começa a rua, e moldam as formas de viver em comunidade e que tem suas fronteiras desenhadas no imaginário de seus moradores. São os traçados culturais do cotidiano presente nas ruas da Candelária que importam e que definem a sociabilidade. Nas andanças por suas ruas e becos que são construídas as especificidades e que a diferenciam das outras localidades da favela. É a “arte de moldar percursos”, “maneiras de fazer” que marcam o traçado simbólico do lugar de pertencimento (CERTEAU, 1994). É procurar entender o seu espaço como lugar do encontro e da comunicação, lugar da cena pública onde se desenrolam a diversidade, os conflitos, as práticas e os imaginários sociais compartilhados, as possibilidades de diálogos. Criadores de suas próprias matrizes comunicacionais, marcam de forma identitária os trajetos que demarcam o espaço-imaginário da favela. Aqui não é só o lugar que congrega as pessoas, e sim, a intensidade de sentido depositada pelos moradores e seus rituais que converte uma rua, uma esquina, um campinho em lugar próprio. Esses são lugares de passagem que acabam marcando a trama urbana da favela a partir das diversas formas de apropriação. A rua é estabelecida a partir de uma interação comunicativa, de sociabilidade, de união, de confraternização, de solidariedade, de festa. É uma comunicação que busca arrancar uma expressividade do espaço estabelecendo a possibilidade e a exigência do diálogo e dos relacionamentos. (SILVA, 2003)

É importante considerarmos o cenário em que se desenrola esta pesquisa e indicar que o Parque Candelária é um dos núcleos populacionais que formam o



complexo do morro de Mangueira⁴ e existe a mais de cem anos, sendo a terceira favela mais antiga da cidade⁵. Neste sentido, a co-habitação de imaginários torna o cenário da Candelária privilegiado para pontuar as relações e interações estabelecidas entre os seus moradores, por apresentar um intercâmbio cultural entre diferentes pessoas e fator de difusão de práticas culturais que fortalecem a comunicação, a urbanidade, a sociabilidade, a troca, a mistura e a diferença. As práticas de sociabilidade nos despertaram para as diversas formas de vida que compõem a dinâmica urbana da favela, na qual um ato simples e de necessidade de ir à “padaria da Dona Penha”⁶ pode estar carregada de significados que ultrapassam a razão prática do cotidiano, pois são constituídas de uma dinâmica específica de ocupação, vivência, prática e transformação do espaço.

A partir das práticas de sociabilidade da favela imaginária, buscamos os elementos simbólicos contidos nos diversos referenciais erguidos na Candelária, ao longo da sua história e nas narrativas, que articulam identidades do passado e do presente, construindo uma rede de significados que podem ser identificados ao traçado urbano da favela (LATOURE, 1991) como redes de sociabilidade, possibilitando aos moradores relações horizontais e colaborativas, territórios de negociação e a oportunidade de se conectar a outras redes, que os inserem como interlocutores do mundo globalizado. Os indivíduos constituintes destas redes participam da ação política mediante a produção/apropriação e recepção cultural, a partir de suas experiências no cotidiano urbano, arraigadas em valores comunitários e locais. (SILVA & GONZAGA, 2005) Na relação entre o universal e o particular, entre unidade e totalidade se constrói a rede das relações interpessoais. E é dentro dessa "rede" que o sujeito pode recriar significados.

É uma abordagem que conduz a um encontro de especial subjetividade com a favela: olhá-la como espaço vivido, interiorizada e projetada por grupos de pessoas que a habitam e com suas relações de uso que não só a percorrem como também interferem nas formas de circulação e nos sentidos determinados de fluxos criando outros e redirecionando-os (MAIA & KRAPP, 2005). A favela percorrida como um mapa pode

⁴ O complexo é situado na zona central do Rio de Janeiro, com limites: ao norte com o bairro de Benfica; a nordeste e leste, São Cristóvão; ao sul, com o Maracanã; e a sudeste e oeste, São Francisco Xavier. Outros núcleos: Telégrafos, Pindura Saia, Santo Antônio, Chalé, Faria, Buraco Quente, Curva da Cobra. Informação retirada no site da Estação Primeira da Mangueira (www.mangueira.com.br)

⁵ O Morro da Providência (1897) é a 1ª favela carioca. Na seqüência, surgem São Carlos/Estácio e Mangueira. (informação aula disciplina Geografia da Cidade do Rio de Janeiro, ministrada pelo prof. João Baptista – Programa de Pós-graduação em Geografia da Uerj).

⁶ Há 30 anos, um dos principais pontos de referência e encontro na Candelária.



ser um acúmulo de objetos, monumentos, ruas, painéis de escrita, textos oficiais, passagens, sons, imagens que se transformam e ensinam através da experiência cotidiana.

A “Rua Show de Bola” da Mangueira: o irreverente e espontâneo ‘agir urbano’

A fala e a escrita não são nossos únicos sistemas de comunicação. Existem vários textos não verbais que informam e definem a cultura contemporânea. Segundo Lucrécia D'Aléssio Ferrara (2005), as possibilidades de estudar a cidade por meio de textos não verbais, é uma unidade de percepção, onde tudo é signo, linguagem. Ruas, avenidas, praças, monumentos, edificações configuram-se como uma realidade sónica que informa sobre seu próprio objeto: isto é, o contexto.

Por meio do ‘agir urbano’ é possível ler a favela. Qualquer favela pode ser estudada por sua arquitetura, por seus dados demográficos ou econômicos. Ao observar o ‘agir urbano’, porém, é possível perceber como os diferentes setores e grupos da população se relacionam com a favela. É uma forma de estudar não apenas os aspectos objetivos da favela, mas também a subjetividade, aquilo que motiva os moradores a se manifestarem. Por isso mesmo, devemos saudar o ‘agir urbano’, pois uma cidade é uma cidade viva, cujos cidadãos podem elaborá-la como objeto de desejo, esperança e mudança. Reconhecer a relevância e legitimidade do ‘agir urbano’ é também acreditar que seus agentes, pelo ato coletivo ou individual, se fazem cidadãos e cidadãs, e se afirmam capazes de construir uma cidade mais justa e com mais qualidade de vida.

A linguagem da cidade é um exemplo de texto não verbal. O espaço urbano é uma sucessão de imagens que marcam o cenário cultural da nossa rotina e a identificam como urbana (CANEVACCI, 2004). Um possível mapa mental da cidade vai muito além da simples funcionalidade utilitária que facilitaria deslocamentos ou direções, ao contrário, a leitura da cidade é não verbal e está diretamente relacionada à capacidade que o homem desenvolve para produzir alternativas de subsistência e a encontrar, no cotidiano, as melhores soluções para comunicar-se e encontrar-se individual e coletivamente. Trata-se de uma aprendizagem que decorre da maior experiência cultural da humanidade: aprender a viver de modo solidário.

Quando se tem em mente discutir a rua na favela e as dinâmicas de sociabilidade que nela têm lugar, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade no ‘agir urbano’. Mergulhamos no cotidiano da favela e interessa-nos buscar a pluralidade de



sentidos produzidos e em produção nas ruas da Candelária, sua diversidade de sons, escritos, sinais, conversas que se processam em suas ruas e são expressões da diversidade que mantém a dinâmica deste espaço. Elas podem ser expressões comunicativas diversas, como as pichações nos muros, uma conversa com um comerciante ou com um vizinho, uma intervenção artística, uma manifestação, uma feira, um ponto de encontro, uma festa popular, etc. Essa pluralidade que emerge da dinâmica da vida cotidiana se materializa no espaço urbano da favela sob a forma de fronteiras físicas e simbólicas, constituindo redes e articulações coletivas e/ ou compartilhadas que movimentam as ruas da favela.

Nesta abordagem, os processos de significação do espaço que acontecem a partir da sociabilidade são fundamentais, pois é através deles que podemos ver como a rua, uma parte vital da favela, é construída e compartilhada no cotidiano. Possibilita acompanhar os movimentos, perceber sons, imagens e textos e as maneiras pelas quais se criam novas interpretações das mesmas paisagens. A favela passa a ser abordada como um espaço de comunicação, de produção de “mensagens” que marcam suas ruas, muros, como espaço polifônico de autorias variadas e conflitantes. O objetivo não é decifrar este texto, mas compreender o processo da sua constituição. Do ponto de vista do olhar da comunicação, podemos dizer que o texto polifônico da favela é produzido a partir das narrativas que resultam de relações de sociabilidade. Dele são autores todos aqueles que vivem ou viveram na favela. Observada deste ponto de vista, a favela configura-se como texto acessível apenas a quem vive seu cotidiano. (CANEVACCI, 2004)

Depois de duas semanas, voltamos às entrevistas com os moradores da Candelária. No caminho para a sede das “Meninas e Mulheres do Morro”, logo que atravessamos o “campinho”, a nossa esquerda, na direção dos “predinhos”, notamos um movimento diferente. Rapazes pintavam um muro, bandeirolas coloridas enfeitam a rua, um mutirão anunciava uma festa. Seria o início dos preparativos de um “arraiá”, já que era mês de junho?

Desviamos o caminho e após um breve bate-papo com um dos rapazes que orientava as atividades no muro, descobrimos que o motivo da movimentação era o Pan do Rio! Isso mesmo. Os Jogos Pan-americanos chegavam à Candelária. A rua denominada Avenida Neves estava sendo ornamentada para concorrer no concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizava para premiar a decoração mais criativa com o tema do Pan 2007. O concurso visava estimular a tradição do carioca de



se mobilizar em torno de grandes eventos e fortalecer os vínculos comunitários dos moradores das diversas regiões da cidade. E isso me parece, cada vez mais, a vocação da Candelária.

Mudamos o roteiro das entrevistas já agendadas para aquela tarde. Não podíamos deixar de registrar a representação de um grande evento na cidade pela comunidade da Candelária, no seu lugar. A Candelária é participativa. Ela quer trazer para a favela o espírito do Pan.

Enquanto a entrevista não começava, observamos as conversas, as tomadas de decisão, as tensões – surgiu até um momento de conflito de idéias de como ficaria melhor a composição dos desenhos do asfalto, ou seja, toda a dinâmica da construção de um imaginário do lugar que representasse um evento que mexeu com o cotidiano da cidade. Começamos a entrevista com o eufórico ‘Partidinho da Mangueira’⁷, “Aqui na comunidade a gente faz eventos. Há 25 anos a gente realiza a tradicional festa junina. E agora estamos no concurso da Rua do Pan...’A rua Show de Bola da Mangueira está com o Brasil no Pan’ é o nosso lema desse ano”.

Mas como a Avenida Neves se tornou a Rua Show de Bola? Partidinho diz que a rua, no caso a Avenida Neves, era muito apagada, sem vida. E vislumbrou que participando de um concurso de decoração de ruas poderia trazer oportunidades para melhorar a rua-avenida. Assim no ano de 2002, inscreveu a Avenida Neves no concurso ‘Rua Show de Bola’, promovido pela Rede Globo de Televisão para a Copa do Mundo de futebol. “Já é uma tradição enfeitar nossa rua. Já quase ganhamos o concurso da copa do mundo de 2002. Ficamos em segundo lugar”. Por culpa da Sandra de Sá, “que não deu o ponto que faltava pra gente ganhar o primeiro lugar no concurso”, não foram os campeões, perdendo o 1º lugar, para a Rua Jorge Yúdice, em Vila Isabel.

Um grande evento, como o Pan-americano, a exemplo da Copa do Mundo, é capaz de unir as pessoas. E isso não é diferente com os moradores da Candelária que expressam toda a paixão pelo esporte. Um grupo divide o amor pelo esporte e pelo trabalho. O mutirão é para enfeitar a rua onde eles moram. Uma tarefa feita com prazer e quem sabe até inspirada pela proximidade com o Estádio do Maracanã, palco da abertura e do encerramento da festa e lugar de competição de algumas modalidades.

⁷ Apelido de William de Jesus Melo, nascido e criado na Candelária há 39 anos. Além trabalhar como Guarda Municipal da Prefeitura do Rio de Janeiro, é compositor da Mangueira, dono do trailler do “campinho” e organizador da festa junina que acontece na comunidade.



A “galera” trabalha compenetrada, “no gás”, afinal tudo tem que ficar pronto, pois “a prefeitura vem aqui ver os desenhos, ver nosso trabalho”, para selecionar as ruas que estarão na etapa final do concurso. Então, imaginem, os ânimos estavam agitados e concentrados na missão de deixar tudo conforme o regulamento, perfeito, bem bonito e caprichado. E para, dessa vez não deixar margem a dúvidas, de que a “rua Show de Bola da Candelária” merece o primeiro lugar.

“Mas, graças à participação no concurso em 2002, a rua melhorou bastante, pois trouxe animação pra comunidade. Quando se aproxima o início de um evento desses, como uma Copa do Mundo e agora com o Pan, eles mesmos perguntam ‘Vai ter a rua? Vai ter a pintura?’ A gente pega as crianças para pintar os desenhos que a rapaziada faz. William vai desenhando, armando os desenhos e depois as crianças vem para pintar. Então, o barato é esse! As crianças pintam com noção do que eles têm que fazer. Então, as crianças se amarra nisso!”⁸

Uma comunidade em contagem regressiva. Faltavam menos de um mês para o início dos Jogos e as cores do Pan já entravam em campo, ou melhor, já coloriam a cidade. Em época de Pan, era hora de mostrar o orgulho em vestir a cor do Brasil. E a Candelária não ficou de fora dessa torcida.

Com todas as atenções na época era para o Pan, a festa junina deste ano ficou para agosto, “As melhores festas juninas que nós fizemos aqui são em agosto. E o nome da nossa festa é até ‘Festa de Agosto que dá Gosto’. É um mês de festa, toda sexta, sábado e domingo”⁹.

O que mais incentiva Partidinho com a organização desses eventos é a possibilidade de divertir e alegrar a comunidade. Ele lembra emocionado de uma atração que, há alguns anos atrás, com apoio dos projetos especiais da Prefeitura do Rio, conseguiu trazer: um show de circo.

“Esse show ficou marcado para mim na Candelária. O palhaço (dá uma parada e sorri lembrando do fato)...ele fez uma graça na minha frente. Quando eu me toquei que, pela primeira vez, eu ‘tava’ vendo um palhaço de perto...e eu ‘grandão’, já ‘cascudão’, nunca tinha visto um palhaço legal. Quando eu olhei para cara das crianças, ‘tava’ todo mundo de boca aberta...aí eu me toquei que ninguém nunca viu também!”¹⁰

⁸ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

⁹ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

¹⁰ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.



Esse clima de festa representa para comunidade um estímulo de melhorias. Num certo sentido ela nos aproxima daquilo que Certeau (1994) aborda em *Invenção do Cotidiano*. O autor fala de um sentido (senso) comum que reuniria uma liberdade (moral), uma criação (estética) e um ato (prática). O senso comum não divide a teoria e a prática, como se pensa normalmente, mas estaria presente numa arte de pensar necessária tanto às teorias e quanto às práticas cotidianas. Este juízo permite pensar as diversas formas de viver a simultaneidade temporal e espacial em jogo no espaço da favela.

“Essa tradição de reunir os moradores da rua também serve para formar novos amigos. Eu gosto de festa, eu gosto de participar! E incentivar as pessoas a participar também. Comunidade é isso que a gente tá vendo mesmo. É um ajudar ao outro, cada um tentar fazer pelo próximo, que o próximo vai fazer por ele. Eu acho que é por aí que se constrói a comunidade”.¹¹

Tornar a rua uma festa a partir do trabalho de um grupo de moradores que não se importa em perder noites e madrugadas de sono, para que seja a mais bonita do bairro e até da cidade. “Quem não queria colaborar, quando viu o resultado, resolveu ajudar”, Tanta dedicação é para ver a Candelária ser campeã sempre na participação, na sociabilidade, na solidariedade, na esperança e de que viver com alegria pode ajudar e muito a passar pelas dificuldades da vida.

“A Candelária é minha moradia, é o meu lazer, diversão, meu trabalho, aqui é tudo! E pode ficar melhor, mas precisa de mais ajuda governamental. Na nossa comunidade tem muitas coisas que podem ser melhoradas e criadas. Enquanto não chegamos lá, Beto sem-Braço tinha um lema ‘o que espanta miséria é festa’. Pelo menos a festa une a todos, pelo menos naquele momento ali alegre, vai curtir, vai até esquecer que tem algum problema, pelo menos naquele momento. A festa traz alegria e a alegria o prazer de viver.”¹²

O time da Candelária também está de olho no campeonato: Quem vai levar o título desta vez? Como sempre empolgado e contagiante Partidinho vislumbra que “Esse ano vai ser a Rua Show de Bola na cabeça”.¹³

¹¹ Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

¹² Depoimento no dia 22/06/2007 de William de Jesus Melo.

¹³ No concurso “Nossa rua, nosso Pan” que a Prefeitura do Rio realizou para premiar a decoração mais criativa da cidade, com o tema do Pan 2007, a Rua Show de Bola da Mangueira ficou em 4º lugar.



Referências

ARANTES, O. B. F. Cultura e transformação urbana. In: PALLAMIN, V. (Org.). *Cidade e Cultura: Esfera Pública e Transformação Urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p.59-72.

AUGÉ, M. *Não Lugar: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.

BACZKO, B. apud FALCON, F. In: CARDOSO, C.F.; MALERBA, J. (org) *História e representações*. Campinas: Papirus. 2000. p 56.

CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano I. Arte do Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAMATTA, R. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERRARA, L. D'A.. Cidade: fixos e fluxos. In: SIMPÓSIO INTERFACES DAS REPRESENTAÇÕES URBANAS EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO, São Paulo, 2005. Anais...São Paulo: Senac, 2005.

LATOURETTE, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

MAGNANI, J.G.C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.C.; TORRES, L. (Org). *Na Metrópole. Textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.

MAIA, J.; KRAPP, J. Comunicação e Comunidade: novas perspectivas das sociabilidades urbanas In: FREITAS, R. F. e NACIF, R. (Org.). *Destinos da Cidade: Comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.31-45.

MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos 'deslugares'. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro: Nepec, UERJ, n. 16, p.64-72, jul-dez. 2003.

PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.



SALGUEIRO, T. B.. Espacialidades e Temporalidades Urbanas. In. CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. (Org.). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, M. *Técnica Espaço Tempo globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *A Natureza do Espaço técnica e tempo razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Por uma outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. (Org.) *A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo em fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993.

SILVA, R.H.A. Espaço urbano, espaço da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Belo Horizonte, 2003. Anais...São Paulo: Intercom, 2003.

SILVA, R.H.A.; GONZAGA, M.M.. Redes Culturais em Territórios Urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro, 2005. Anais...São Paulo: Intercom, 2005.